

OPERA FICTILES

Estudios transversales sobre cerámicas antiguas de la península ibérica

Jaume Coll Conesa (Coordinador)

Tomo II



IV CONGRESO INTERNACIONAL DE LA
SECAH - EX OFFICINA HISPANA
Valencia, del 26 al 28 de abril de 2017

TOMO II

OPERA FICTILES

Estudios transversales sobre cerámicas antiguas de la península ibérica

IV Congreso Internacional de la SECAH – EX OFFICINA HISPANA

Valencia, del 26 al 28 de abril de 2017

Jaume Coll Conesa (Coordinador)

MONOGRAFÍAS EX OFFICINA HISPANA



Madrid, octubre de 2019

© Opera fictiles. *Estudios transversales sobre cerámicas antiguas de la península ibérica*
IV Congreso internacional de la SECAH-Ex Officina Hispana - Valencia, del 26 al 28 de abril de 2017.
Jaume Coll Conesa (Coord.)

Esta edición es propiedad de EDICIONES DE LA ERGASTULA y no se puede copiar, fotocopiar, reproducir, traducir o convertir a cualquier medio impreso, electrónico o legible por máquina, enteramente o en parte, sin su previo consentimiento. Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, www.cedro.org) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.

PRESIDENCIA Y ORGANIZACIÓN

Ferran Arasa i Gil
Helena Bonet Rosado
Jaume Coll Conesa
Vicent Escrivà Torres
Esperança Huguet Enguita
Guillermo Pascual Berlanga
José Pérez Ballester
Albert Ribera Lacomba
Jaime Vives-Ferrándiz Sánchez

COMITÉ CIENTÍFICO

Adrien Malignas (Université de Montpellier)
Albert López Mullor (Universitat de Barcelona – Diput. Barcelona)
Alejandro Quevedo (EEARR Roma)
Alexandra Pecci (UB)
Alfonso Vigil-Escalera Guirado (Universidad de Salamanca)
Ana Martínez Salcedo (SECAH)
Andrés Adroher Auroux (Universidad de Granada)
Ángel Morillo Cerdán (UCM)
Archer Martin (AAROMA)
Arturo Oliver (MPDC)
Carlos Jorge Gonçalves Soares Fabião (Universidade de Lisboa)
Carmelo Fernández Ibáñez (SECAH)
Carmen Aguarod (SECAH)
Carmen Aranegui Gascó (Universitat de València)
Carmen Fernández Ochoa (SECAH)
Carmen Rueda (Universidad de Jaén)
Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)
César M. Heras y Martínez (SECAH)
Cesáreo González (Universidad de Segovia)
Consuelo Mata (Universitat de València)
Claudio Capelli (Università di Genova)
Corinne Sánchez (CNRS)
Daniele Manacorda (Università di Roma)
Dario Bernal Casasola (Universidad de Cádiz)

David Djaoui (Musée Départemental Arles Antique)
Eleni Schlinder-Kaudelka (Universidad de Graz)
Enrique García Vargas (Universidad de Sevilla)
Fabienne Olmer (Mosm Aix)
Feliciano Sala (Universidad de Alicante)
Franca Cibecchini (Drasm, Marsella)
Jaume Coll Conesa (SECAH)
Jean Pierre Brun (College de France)
Joan Ramon (Consell Insular d'Eivissa)
Joaquim Pera (UAB)
Joaquim Tremoleda Trilla (Museu d'Arqueologia de Catalunya: Empúries)
Jordi Principal (Museu Arq. Barcelona)
Josep M. Macias (ICAC)
Josep M. Nolla (Universitat de Girona)
Jure Krasjek (Museo Celje, SLO)
Laurence Benhot (INRAP Toulouse)
Lourdes Roldán (UAM Madrid)
Luis Carlos Juan Tovar (SECAH)
Macarena Bustamante (UAM Madrid)
Manuel Olcina (MARQ)
Mar Zarzalejos Prieto (UNED, SECAH)
María Isabel Fernández García (Universidad de Granada)
Michel Bonifay (Université d'Aix-Marseille)
Miguel Ángel Cau (UB)
Miguel Beltrán (Museo de Zaragoza)
Mohamed Kbir Aloui (INSAP)
Paul Reynolds (ICREA)
Ramón Járrega Domínguez (ICAC)
Raymond Brulet (Universidad de Lovaina)
Ricardo González (Universidad de Niza)
Rui Morais Lopes de Sousa (Universidade do Porto)
Timo Lelekovic (Academia de las Ciencias, Zagreb)

APOYO ORGANIZATIVO

M^a José Bádenas Población (MNCV)
Diana Pérez Piá

Todos los derechos reservados.
© de los textos: sus autores.
© de las ilustraciones: sus autores
© Diseño y maquetación: La Ergástula



© EDICIONES DE LA ERGÁSTULA, S.L.
Calle Béjar 13, Local 8
28028 – Madrid
www.laergastula.com
info@laergastula.com

ISBN Tomo I: 978-84-16242-63-4
ISBN Tomo II: 978-84-16242-64-1
ISBN Obra completa: 978-84-16242-65-8
eISBN: 978-84-16242-66-5
Depósito Legal: M-34039-2019
Impreso en España – Printed in Spain.

O serviço de mesa de época romana republicana de Monte Molião (Lagos, Portugal)

Resumo: O estudo sistemático do repertório artefactual recolhido nos níveis de cronologia romano-republicana de Monte Molião possibilita a realização de uma análise mais detalhada sobre os hábitos de consumo de alimentos à mesa durante este período. O repertório cerâmico que associamos a estas práticas engloba diversos tipos de produções, entre as quais a cerâmica campaniense (A, B, calena e de pastas cinzentas), vasos de paredes finas, cerâmicas megáricas, cerâmicas de tipo Kuass e ainda algumas morfologias de cerâmica comum. Os dados disponíveis permitem caracterizar de forma concreta as práticas de consumo à mesa entre o final do século II e o início do século I a.n.e., revelando algumas características particulares que se relacionam com tradições específicas das comunidades do sul peninsular.

Palavras chave: Algarve, Romanização, cerâmicas finas, hábitos de consumo alimentar.

Abstract: The systematic study of the artefactual repertoire recovered in roman republican layers in Monte Molião enables a more detailed analysis concerning table consumption habits during this period. The ceramic repertoire that we associate with these practices encompasses several types of productions, namely Campania wares (A, B, Cales and grey fabrics), thin walled vessels, Megaric ceramics, Kuass wares and specific morphologies of common ware. The available data allows us to characterize the consumption practices between the late 2nd and the early 1st century BC, revealing some particular characteristics that appear to be related to specific traditions among the Southern Iberia Peninsula communities.

Key Words: Algarve; Romanization, Fine wares, food consumption habits.

1. INTRODUÇÃO

As intervenções arqueológicas realizadas, desde 2006, em Monte Molião (Lagos, Portugal) têm vindo a revelar dados muito significativos sobre a ocupação do sítio em época romana-republicana.

Os elementos arquitectónicos e estratigráficos que foram registados até ao momento, particularmente nas campanhas realizadas entre 2006 e 2011, evidenciaram uma ocupação centrada entre o final do terceiro quartel do século II e o início do século I a.n.e., materializando-se num vasto conjunto de materiais arqueológicos, em grande parte já publicado (Arruda e Pereira 2010; Dias 2010; Arruda e Sousa 2013; Pereira e Arruda 2016; Sousa e Arruda 2014a, 2014b). As evidências de ocupações mais antigas, da primeira metade do século II a.n.e., e mais re-

centes, da segunda metade do I a.n.e., foram detectadas durante as últimas intervenções (2015-2017), encontrando-se actualmente em fase de estudo.

Os dados entretanto disponíveis permitem, contudo, elaborar uma leitura abrangente dos hábitos de consumo de alimentos adoptados durante a época republicana, particularmente no que diz respeito ao serviço de mesa.

2. O SERVIÇO DE MESA DO PERÍODO ROMANO-REPUBLICANO

Entre os materiais que podemos relacionar directamente com o “serviço de mesa” de época romano-republicana destacam-se, claramente, os grupos formados pela cerâmica campaniense, pela de paredes finas, pela de tipo Kuass e ainda por alguns fragmentos de taças megáricas, com decoração em relevo.

Os exemplares que foram integrados neste estudo são provenientes exclusivamente dos contextos conservados da fase romano-republicana de Monte Molião, escavados entre 2006 e 2011, cuja caracterização já foi detalhadamente publicada (Arruda e Pereira 2010; Arruda e Sousa 2013; Pereira e Arruda 2016). Corres-

1 Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Fundação para a Ciência e a Tecnologia; e.sousa@campus.ul.pt

2 Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Fundação para a Ciência e a Tecnologia / Museu de Cáceres; carlos_samuel_pereira@hotmail.com

3 Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; a.m.arruda@letras.ulisboa.pt

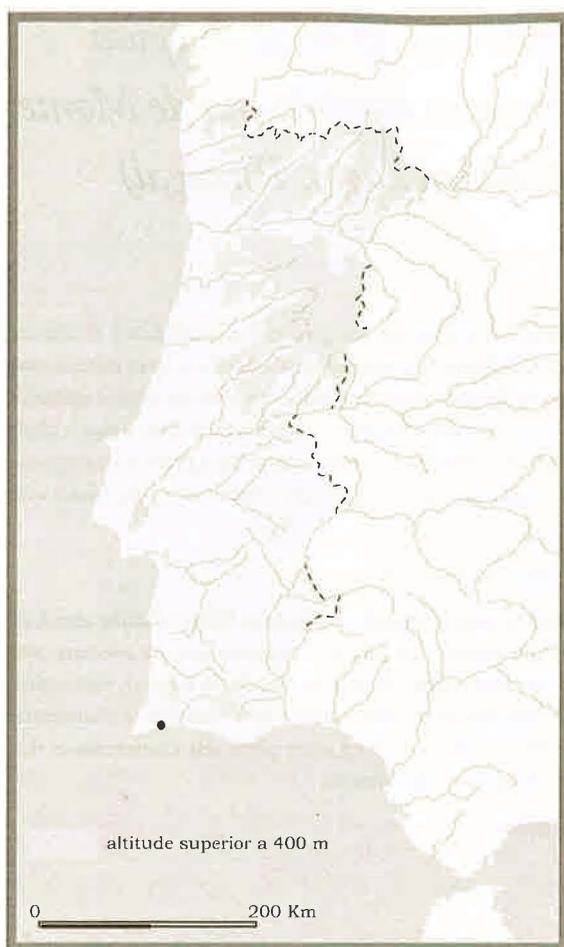


Figura 1. Localização de Monte Molião no território actualmente português.

pondem a 365 fragmentos (292 NMI), sendo a cerâmica campaniense a categoria mais bem representada (45,24%), seguindo-se as produções de tipo Kuass (39,46%), a cerâmica de paredes finas (13,61%) e, por último, os vasos megáricos (1,70%).

Contudo, parece importante também recordar que a este conjunto deverão somar-se ainda outros tipos de vasos, de cerâmica dita comum, que seguramente integraram também o serviço de mesa, e que foram já alvo de um estudo detalhado (Sousa e Arruda 2014a e 2014b). O seu peso quantitativo é muito mais significativo do que o das categorias anteriores (848 NMI), ainda que se deva ter em consideração a multifuncionalidade da maioria destas peças.

2.1. A cerâmica campaniense

Nos níveis conservados da fase romano-republicana de Monte Molião, foram recolhidos 165 fragmentos de cerâmica campaniense, que foram, na sua grande maioria, estudados detalhadamente por V. Dias (2010),

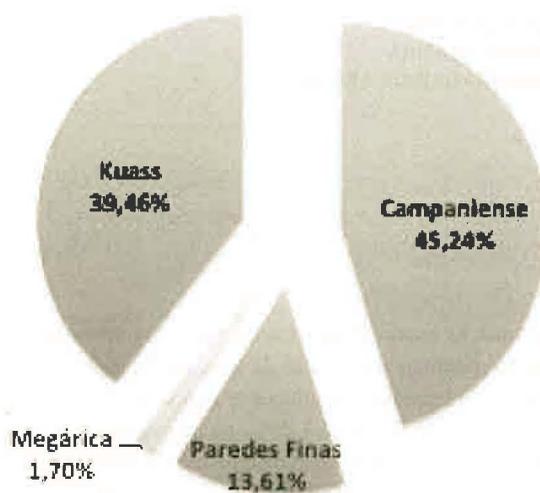


Figura 2. Distribuição das categorias específicas do serviço de mesa (base NMI).

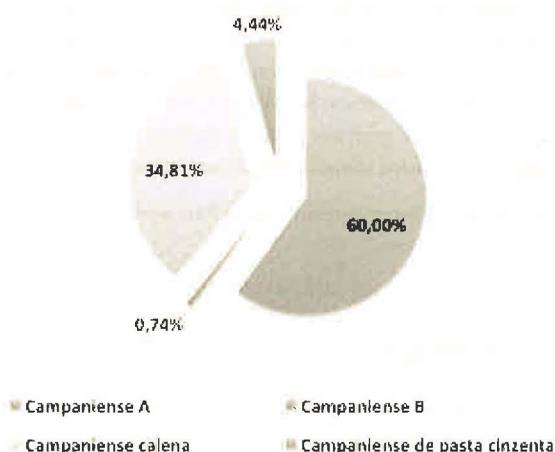


Figura 3. Distribuição dos tipos de cerâmica campaniense (base NMI).

tendo sido integrados neste trabalho apenas os recolhidos em contextos conservados. Destes, 100 pertencem a cerâmica campaniense tipo A (81 NMI), um a campaniense tipo B (1 NMI), 57 a produções calenas (47 NMI) e seis a produções de pasta cinzenta (6 NMI).

Entre o conjunto da campaniense A, que se enquadra nas variantes média e tardia (Morel 1981), 40 fragmentos (24 NMI) não permitiram uma classificação tipológica concreta. Entre os restantes, a forma mais bem representada é a pátera Lamboglia 5/7 (19 fragmentos – 16 NMI), adicionando-se ainda dois exemplares que pertencem claramente à forma 5 (2 NMI). Seguem-se as formas Lamboglia 31 (15 fragmentos – 15 NMI), 36 (9 fragmentos – 9 NMI), 25 (5 fragmentos – 5 NMI), 6 (4 fragmentos – 4 NMI) e 27 (2 fragmentos – 2 NMI). Os tipos 8B, 28ab, 33 e 48A estão representados apenas singularmente (1 fragmento - 1 NMI cada).

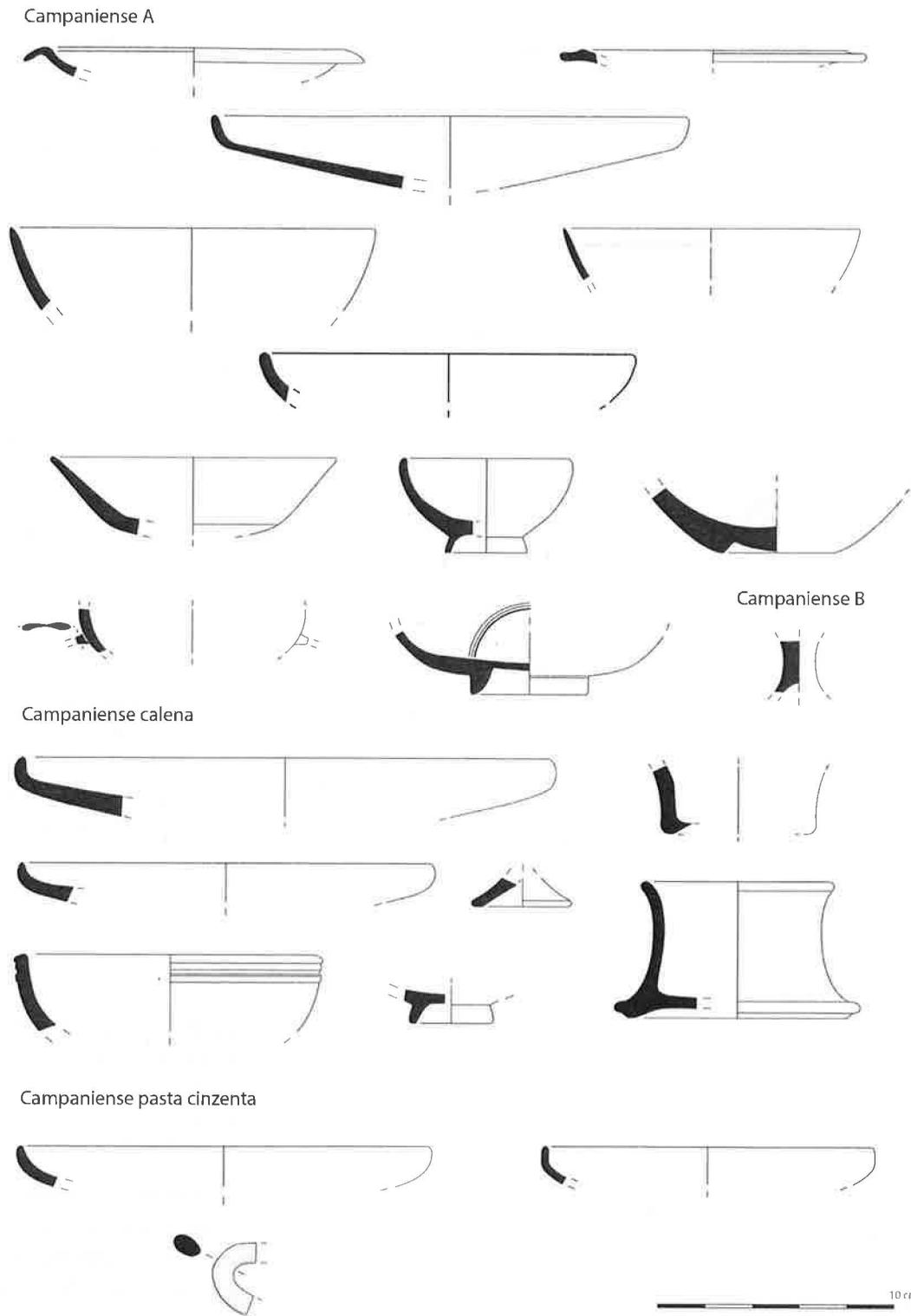


Figura 4. Cerâmica campaniense da fase romano-republicana de Monte Molião.

A campaniense B foi escassamente documentada no conjunto, contando com apenas um único fragmento (1 NMI), que se integra na forma 4 de Lamboglia.

No grupo das produções calenas, que se enquadram sobretudo na variante média (Pedroni 2001), nove fragmentos (6 NMI) não permitiram uma classificação espe-

cífica. Os restantes correspondem, sobretudo, às formas Lamboglia 5/7 (16 fragmentos – 11 NMI), 5 (2 fragmentos – 2 NMI), 7 (8 fragmentos – 8 NMI), 1 (10 fragmentos – 8 NMI), 3 (5 fragmentos – 5 NMI) e 8A (2 fragmentos – 2 NMI). As formas 2, 4 e 8 estão representadas singularmente (1 fragmento – 1 NMI cada).

Alguns fragmentos de cerâmica campaniense integram-se nas produções de pasta cinzenta, para as quais se admite uma origem na área do Baixo Guadalquivir, assumindo-se o início da sua produção a partir do terceiro quartel do século II a.n.e. (Ramos Suárez e García Vargas 2014). Correspondem, sobretudo, ao tipo Lamboglia 5 (3 fragmentos – 3 NMI), 5/7 (1 fragmento – 1 NMI) e 3151 de Morel (1 fragmento – 1 NMI), sendo o restante de tipologia indeterminada (1 fragmento – 1 NMI). Os dados de Monte Molião são particularmente importantes no que diz respeito a estas produções, uma vez que permitem consolidar e alargar a sua caracterização cronológica e morfológica. A sua escassa representatividade no sítio algarvio pode justamente relacionar-se com o facto de esta fase cronológica corresponder, tal como já foi anteriormente referido, à fase inicial da actividade daqueles centros oleiros.

Em termos gerais, o repertório formal de cerâmica campaniense parece enquadrar-se, sem grandes dificuldades, nos horizontes de transição entre o século II e I a.n.e., apresentando notáveis paralelismos com alguns conjuntos do Sul da Península Ibérica, como é o caso da cidade de Sevilha, concretamente em Cuesta del Rosario/Calle Galindos (García Vargas e García Fernandez 2009: 124), e também na costa ocidental marroquina, em Lixus (Bonet Rosado *et al.* 1995: 90).

Verifica-se um claro predomínio das páteras (formas Lamboglia 5, 7 e 5/7), taças (formas Lamboglia 25 e 31) e pratos (formas Lamboglia 6 e 36), destacando-se também alguma representatividade das *pyxides* da forma Lamboglia 3 no quadro das produções calenas. Um panorama morfológico similar verifica-se em outras áreas do território algarvio, concretamente em Faro (Viegas 2011), e também no Alentejo, especificamente em Mértola (Luís 2000) e Mesas do Castelinho (Alves 2010), assim como em várias zonas da Andaluzia (Ventura Martínez 2000; García Vargas e García Fernandez 2009).

2.2. A cerâmica de paredes finas

A cerâmica de paredes finas é bastante escassa nos contextos de cronologia romano-republicana, estando representada por 50 fragmentos (40 NMI).

Neste grupo, as morfologias mais recorrentes correspondem aos tipos Mayet II (23,7%) e III (21,1%), particularmente se atendermos ao facto de vários dos fundos recuperados terem certamente pertencido a estas formas (31,6%). Destaca-se também a presença da

forma Mayet VIII (5,3%), registando-se ainda os tipos, Mayet I, Mayet IX, Marabini XVII e Marabini XXXI, representados por apenas um exemplar (2,6%).

Esta assinalável variedade formal que se verifica no conjunto não é compatível com cronologias muito antigas, especialmente quando comparada com os dados de contextos bem datados do terceiro quartel do século II a.n.e., como é o caso de Valência (Álvarez *et al.* 2003; Ribera i Lacomba 2010), ou de Lisboa (Pimenta 2005; Pimenta *et al.* 2015; Mota, Pimenta e Silva 2015), nos quais apenas se registou a presença praticamente exclusiva dos tipos I e II de Mayet. Apesar destas morfologias se encontrarem bem representadas na fase republicana do sítio algarvio, em particular a forma II de Mayet, a sua associação com novos tipos, assim como as características do restante espólio recuperado (Arruda e Sousa 2013; Dias 2010; Sousa e Arruda 2013, 2014a e 2014b), obriga a considerar uma cronologia mais tardia, que muito provavelmente se iniciou apenas a partir do final do terceiro quartel/princípio do último quartel, ou mesmo no final do século II a.n.e., sendo ainda difícil determinar com precisão qual a extensão temporal desta fase republicana.

Neste âmbito, um aspecto que merece alguma discussão é a presença de dois exemplares da forma Mayet VIII no repertório aqui analisado, considerando que a cronologia que é geralmente proposta para esta morfologia se centra entre os meados do século I a.n.e. e o período augustano (Mayet 1975: 39; Ricci 1985: 278-279). No entanto, deve referir-se que estas balizas foram suportadas, quase exclusivamente, pela análise morfológica e tecnológica das peças desta forma, uma vez que os dados estratigráficos que permitiam a sua contextualização eram francamente escassos. Pensamos que o contexto de recolha dos materiais de Monte Molião possibilita agora considerar que o início do fabrico desta forma pode remontar a um momento seguramente anterior aos meados do século I a.n.e. Com efeito, as características da cerâmica campaniense (Dias 2010), dos vasos de tipo Kuass (Sousa e Arruda 2013) e do conjunto de ânforas associado a estes momentos (Arruda e Sousa 2013), no qual se destaca a ausência de morfologias plenamente romanizadas produzidas no Vale do Guadalquivir, obriga a considerar um limite inferior mais recuado, que poderá ter-se iniciado ainda durante os momentos finais do séc. II a.n.e.

Um outro aspecto que é relevante frisar neste conjunto de cerâmica de paredes finas é o domínio quase absoluto de fabricos que assumimos serem originários da

Cerâmica de paredes finas

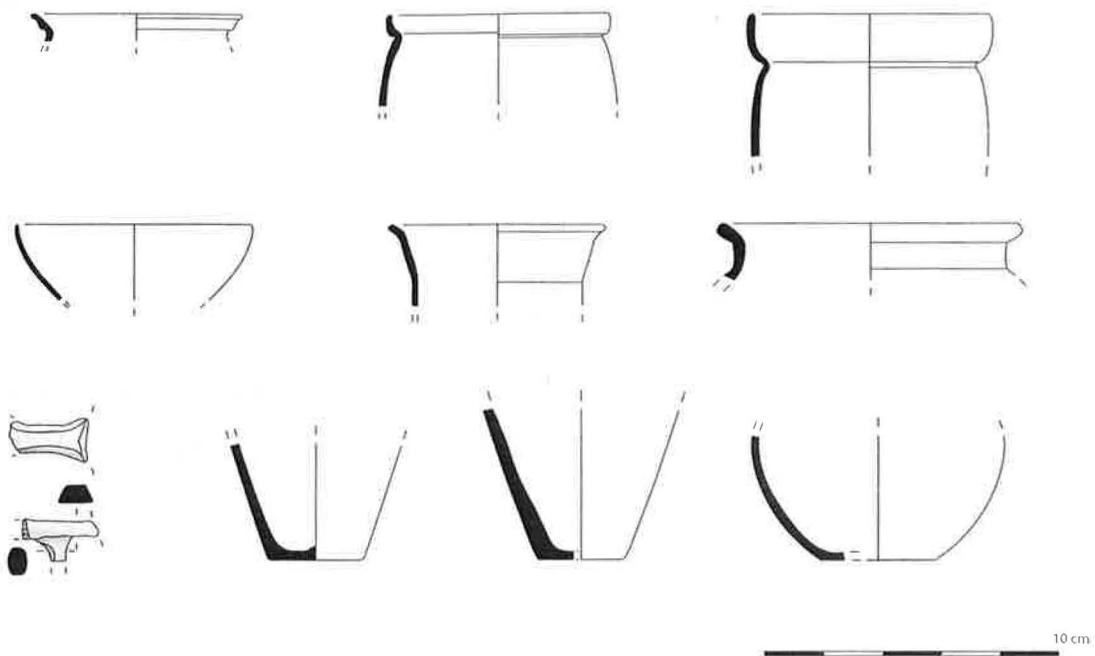


Figura 5. Cerâmica de paredes finas da fase romano-republicana de Monte Molião.

Península Itálica, e que constituem 84,3% do conjunto (formas Mayet I, II, III, VIII, IX, Marabini XVII). Outras produções, que se caracterizam sobretudo pelas suas pastas de tonalidades acinzentadas (formas Mayet II e Marabini XXXI), levantam mais dificuldades na adscrição de uma área geográfica concreta, podendo ter sido fabricadas quer na Península Itálica quer numa área mais ocidental. No entanto, estes fabricos estão escassamente representados no conjunto (7,9%). Pouco expressivas são também as produções que parecem corresponder a fabricos sul-hispânicos ou locais (7,9%), correspondendo às formas II e III de Mayet (Sousa e Arruda 2018).

2.3. A cerâmica megárica

Nos contextos associáveis à ocupação romano-republicana de Monte Molião recolheram-se também cinco fragmentos (5 NMI) de taças ditas “megáricas”, com decoração em relevo. Este tipo de vasos, feitos a molde, cuja produção se inicia ainda durante a fase helenística (século III a.n.e.) no Mediterrâneo Oriental e, posteriormente, na Península Itálica, são relativamente raros em contextos sud-ocidentais, ainda que apareçam, com alguma expressividade, na área levantina da Península Ibérica (Laumonier 1962; Cabrera Bonet 1979; Montesinos Martínez 1983; Lara Vives 2004-2005; Sánchez López e Orfila Pons 2015). A sua presença no território actualmente português é praticamente desconhecida,

ainda que tal situação se deva, muito provavelmente, a dificuldades inerentes à sua identificação.

Os fragmentos recolhidos no Monte Molião pertencem integralmente a taças, forma mais abundantemente produzida no quadro desta categoria cerâmica. O único fragmento de bordo recolhido nos contextos romano-republicanos do sítio algarvio corresponde a uma taça de perfil hemisférico, sendo simples, de tendência recta e ligeiramente vertical. A zona superior do fragmento está decorada com uma fileira de pontos, estando separada do resto da parede por uma canelura suave, seguindo-se provavelmente uma linha formada por rosetas de oito pétalas com botão central. Entre os fragmentos de parede, um apresenta também uma roseta de oito pétalas com botão central, outro uma fileira de pontos e o restante uma folha de acanto estilizada, com a extremidade voltada para a direita. O único fragmento de fundo, com pé ligeiramente indicado, apresenta decoração de folhas estilizadas.

A presença e a difusão destes vasos no Ocidente parecem relacionar-se intimamente com a sua inclusão na órbita das redes comerciais romanas, que são as principais responsáveis pela chegada destas produções orientais a mercados tão periféricos, situação que se constata em vários contextos de naufrágios. Para os fragmentos exumados no Monte Molião é possível, com efeito, admitir uma produção originária no Mediterrâneo

Cerâmica megárica

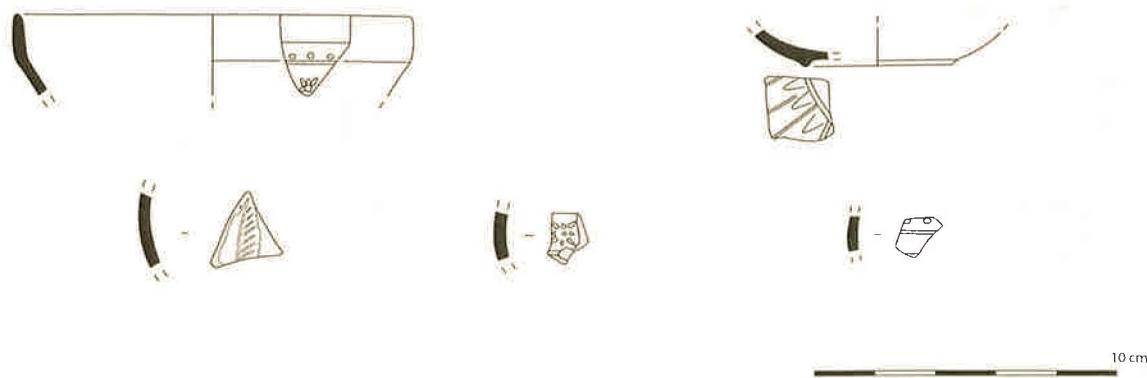


Figura 6. Cerâmica megárica da fase romano-republicana de Monte Molião.

neo Oriental. Neste aspecto, é importante constatar os notáveis paralelismos que se verificam com o conjunto proveniente de Cartagena (Cabrera Bonet 1979), infelizmente sem indicação de contexto estratigráfico, mas para o qual se assume igualmente uma origem oriental, concretamente na costa jónia. À semelhança do que ocorre em Cartagena, as características das pastas dos fragmentos de taças megáricas de Monte Molião apresentam tonalidades alaranjadas, com vernizes avermelhados ou acastanhados, geralmente sem brilho, pelo que não é descabido assumir uma origem idêntica.

A difusão desta categoria cerâmica nos mercados mais ocidentais parece ocorrer, como já foi referido, apenas em período romano-republicano, intensificando-se sobretudo a partir de meados do século II a.n.e. (Cabrera Bonet 1979; Montesinos Martínez 1983; Bonet Rosado *et al.* 1995; Lara Vives 2004-2005), desaparecendo pouco depois, durante o início do século I a.n.e.

2.4. A cerâmica de tipo Kuass

As produções de tipo Kuass encontram-se consideravelmente bem representadas nos conjuntos artefactuais de cronologia romano-republicana do Monte Molião, com 151 fragmentos (117 NMI). Destes, um fragmento (1 NMI) corresponde a uma lucerna (cerâmica de iluminação), pelo que não foi integrado neste estudo.

A notável representatividade destas produções, particularmente no âmbito do serviço de mesa, evidencia que esta categoria cerâmica desempenhou um papel ainda muito significativo nos padrões de consumo de alimentos, pelo menos no Sul do território português (Sousa 2009, 2010). Apesar da forte concorrência que estas produções sofreram com a chegada massiva das cerâmicas finas itá-

licas, a verdade é que estes vasos helenísticos ainda competiam nos mercados ocidentais, tendo provavelmente desempenhado um papel fundamental em situações de carência das redes de comercialização e distribuição da cerâmica campaniense. A quantidade de importações de cerâmicas de tipo Kuass no Sul de Portugal não parece indicar que estas estivessem já numa fase de decadência, manifestando, ao invés, uma clara procura destes vasos de estética helenística por parte dos centros de consumo meridionais. Esta tendência parece, por outro lado, relacionar-se directamente com hábitos de consumo adquiridos ainda durante a fase final da Idade do Ferro na região (Sousa 2009; Sousa e Arruda 2010), que se traduzem na utilização recorrente de formas concretas, em particular o prato de peixe, que já não são produzidas, nesta fase, datada entre o final do terceiro quartel do século II e o início do século I a.n.e., em nenhuma variante da cerâmica campaniense (Sousa 2010).

Com efeito, as formas mais bem representadas no conjunto da cerâmica de tipo Kuass de fase romano-republicana continuam a ser as mesmas que as utilizadas durante a fase final da Idade do Ferro (Sousa e Arruda 2010; Arruda *et al.* 2011): pratos de peixe (forma Niveau II) e pequenas taças de bordo reentrante (forma Niveau IX-A). Contudo, durante o período republicano assiste-se a ligeiras alterações morfológicas, situação que está bem patente no conjunto exumado em Monte Molião. Nos pratos de peixe, verifica-se o progressivo desaparecimento das típicas ranhuras que rodeavam o bordo, havendo apenas 12 indivíduos a exhibir esta particularidade, que não está presente nos restantes 21 fragmentos de bordo. Por outro lado, as taças apresentavam fundos mais aplanados. A presença de duas taças de paredes rectas é também significativa, uma vez que se

Cerâmica de tipo Kuass

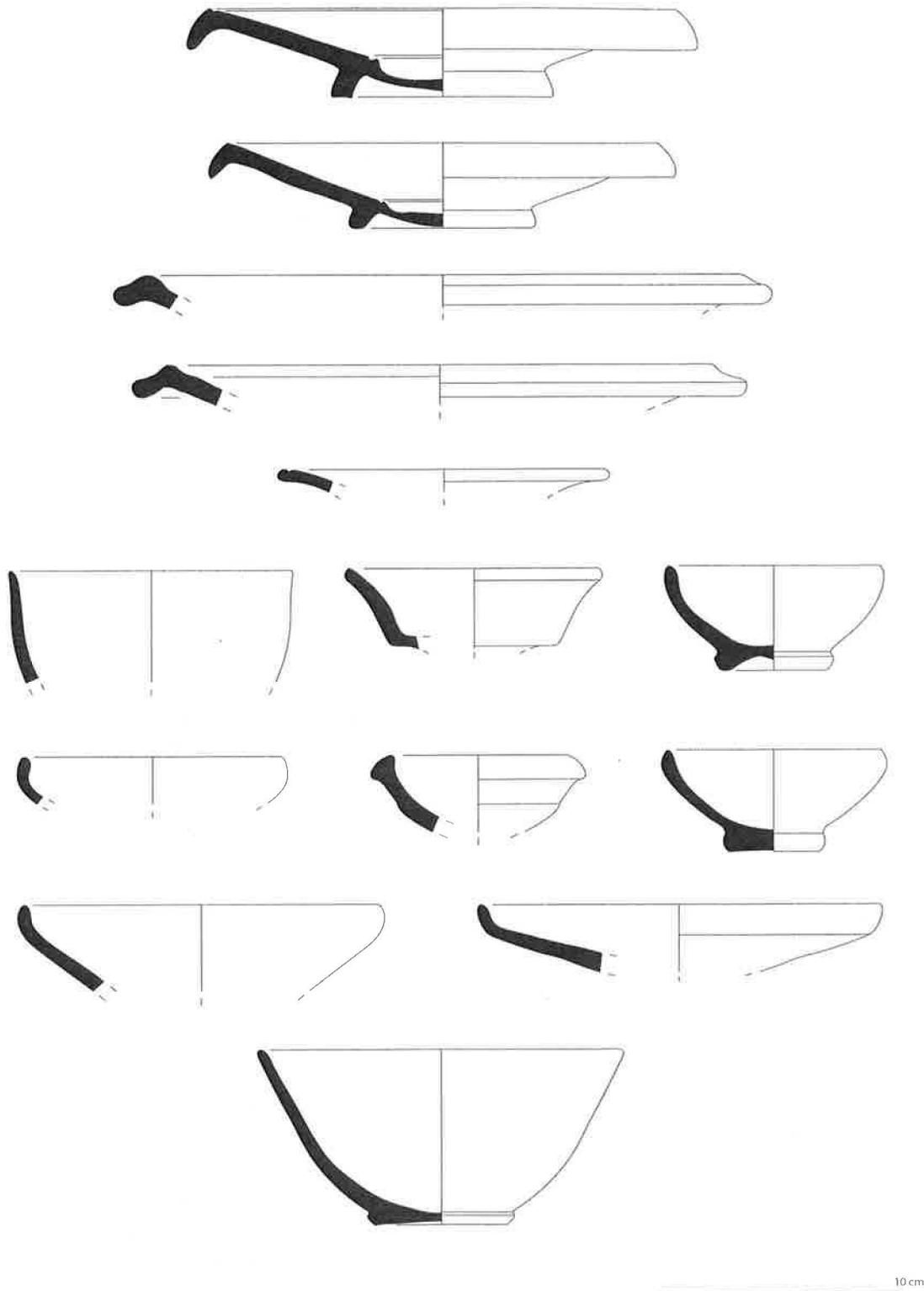


Figura 7. Cerâmica de tipo Kuass da fase romano-republicana de Monte Molião.

trata de uma forma inexistente no repertório da Idade do Ferro e que parece corresponder a “imitações” de cerâmica campaniense, concretamente dos tipos 31 ou 33 de Lamboglia, apesar de deles se distanciarem, cla-

ramente, ao nível do fundo. Estas taças de tipo Kuass têm bons paralelos em *Lixus*, em contextos datados do período Mauritano Antigo, concretamente entre 130 e 80 a.n.e. (Bonet Rosado *et al.* 1995: 90). Ao número de

ocorrências que se inspiram já claramente em modelos itálicos, devem ainda acrescentar-se os vasos inspirados nas formas de campaniense Morel 1331 e 2256. No repertório formal da cerâmica de tipo Kuass, cabe, por último, referir a presença das formas IV, V, VII, VIII, IX-B, X e XI de Niveau de Villedary y Mariñas (2003).

Estas produções são provenientes sobretudo da área de Cádiz (95,65%), sendo o único outro grupo de fabrico identificado (4,35%) de difícil adscrição geográfica, não se podendo excluir que corresponda a produções do Guadalquivir (Moreno Megías 2016) ou mesmo do litoral ocidental da costa africana.

2.5. A cerâmica comum

No quadro do serviço de mesa de época republicana, não poderíamos desconsiderar a presença de certas morfologias de cerâmica comum que terão sido utilizadas, ainda que, em alguns casos, não exclusivamente, para servir e consumir alimentos. Com efeito, estas produções são as mais bem representadas em todo o conjunto artefactual recolhido nos contextos romano-republicanos de Monte Molião (Sousa e Arruda 2014a e 2014b).

As produções que assumimos serem provenientes da área da Baía de Cádiz são, sem dúvida, as mais abundantes, particularmente as tigelas do tipo GDR 1.2.1 (604 NMI), GDR 1.2.2 (54 NMI), GDR 1.2.3 (13 NMI), e de morfologias afins (3 NMI), propícias para o consumo de alimentos líquidos e semi-líquidos. Também as taças de pequena dimensão têm alguma expressividade no conjunto, sendo representadas pelos tipos GDR 1.1.1/2 (21 NMI) e outras semelhantes (2 NMI). As taças de grande dimensão dos tipos GDR 2.1.1 (9 NMI) e 2.1.2 (2 NMI) poderiam, ainda que não exclusivamente, ser também elas utilizadas nestes âmbitos, possivelmente para servir alimentos. Importantes são igualmente os pratos, que podem apresentar perfis simples (1 NMI) ou paredes oblíquas (1 NMI), sendo, contudo, a forma mais recorrente os que se inspiram nos protótipos de cerâmica grega (GDR 5.1.1), tradicionalmente designados por pratos de peixe (23 NMI). Relevante é também a presença de pequenas jarras do tipo GDR 10 (13 NMI), seguramente utilizadas no serviço de líquidos à mesa.

Apesar de as produções da área de Cádiz serem as mais expressivas, o conjunto de cerâmica comum utilizado no serviço de mesa conta também com materiais de outras proveniências. É o caso da área do Guadalquivir, com formas que se aproximam morfológicamente

dos tipos gaditanos, como é o caso das tigelas (GDR 1.2.1 – 14 NMI; GRD 1.2.2 – 1 NMI; GDR 1.2.3 – 4 NMI), das pequenas taças (GDR 1.1.2 – 2 NMI) e das jarrinhas (GDR 10 – 1 NMI), contando ainda com pratos com pintura vermelha-violácea (1 NMI). Por outro lado, também as *patinae* de cerâmica comum itálica podem ter sido utilizadas no serviço de mesa (19 NMI), ainda que a sua função primordial fosse a confecção de alimentos. Curiosamente, no quadro da cerâmica comum que poderia ser utilizada no serviço de mesa, as produções locais encontram-se escassamente representadas. Com efeito, apenas se registam algumas tigelas (45 NMI), taças (1 NMI), pratos simples (1 NMI) ou de peixe (4 NMI), sendo, contudo, importante destacar a presença de alguns jarros (5 NMI).

3. O CONSUMO DE ALIMENTOS À MESA EM MONTE MOLIÃO DURANTE A FASE ROMANO-REPUBLICANA

As escavações que têm sido realizadas no Monte Molião revestem-se de particular importância no quadro da ocupação romano-republicana do território actualmente português. O cariz contínuo dos trabalhos realizados, graças ao apoio incondicional da Câmara Municipal de Lagos, tem permitido definir e caracterizar de forma sistemática os dados da cultura material que têm sido compilados ao longo da última década. Por outro lado, a existência de um registo estratigráfico detalhado, no qual a fase romana-republicana se encontra particularmente bem representada, permite uma análise de carácter contextual que, infelizmente, é rara no actual território português. O investimento que tem sido realizado no estudo do sítio possibilitou, por outro lado, caracterizar de forma pormenorizada as várias componentes artefactuais do período romano-republicano, tornando possível um estudo mais abrangente dos hábitos de consumo de alimentos à mesa, que é agora aqui apresentado. As únicas limitações a apontar resultam da sequência cronológica da própria ocupação do sítio, que, nas áreas intervencionadas entre 2006 e 2011, apenas permitiram a caracterização dos momentos balizados entre o final do terceiro quartel do século II a.n.e. e o primeiro do século I a.n.e. Como já foi referido, os dados das últimas intervenções (2015-2017) têm aportado novos elementos cronológicos para a ocupação de época republicana, que, contudo, se encontram ainda em fase de estudo.

Cerâmica comum

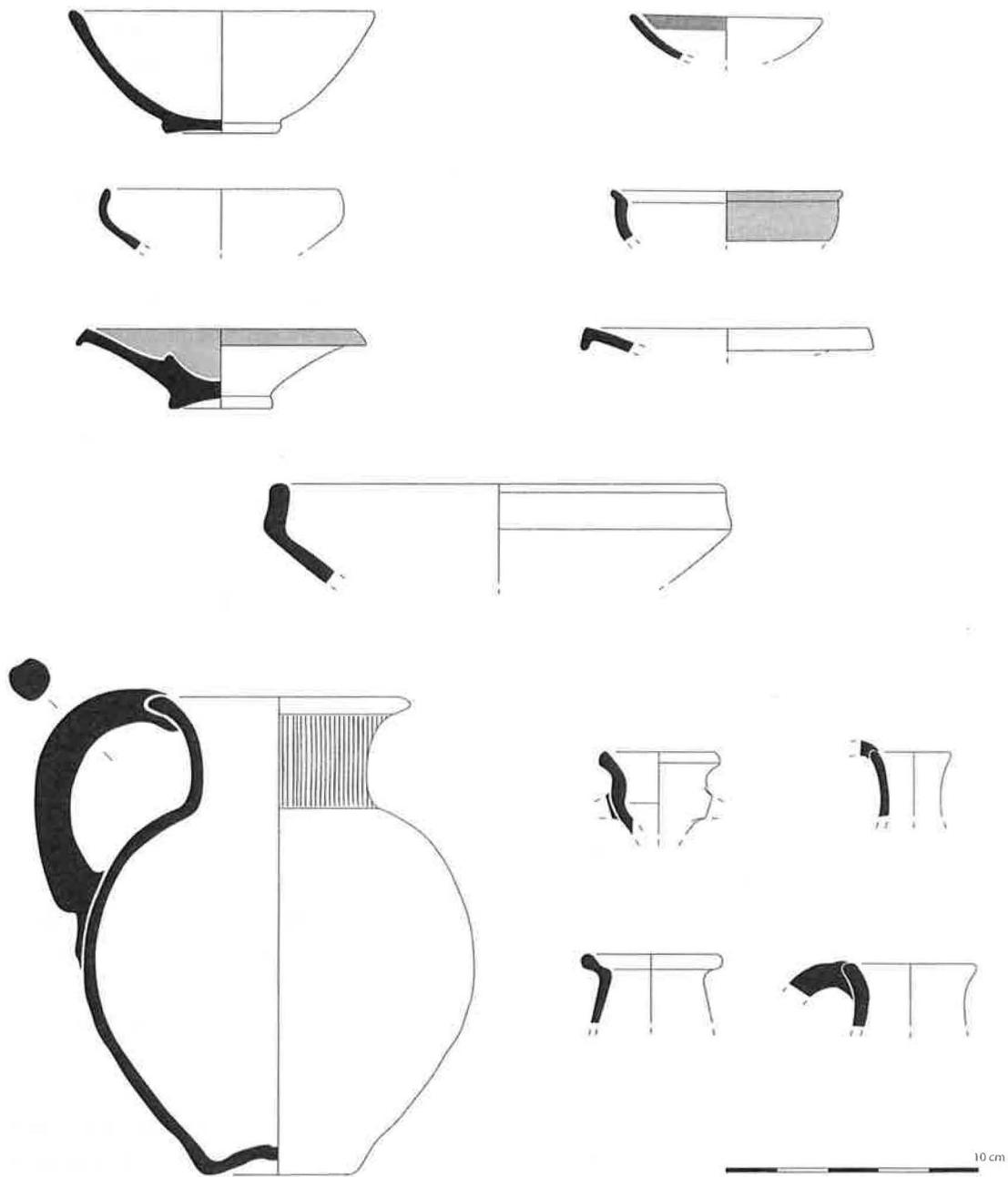


Figura 8. Cerâmica comum de mesa da fase romano-republicana de Monte Molião.

No quadro das categorias especificamente destinadas ao serviço de mesa, a cerâmica campaniense (45,24%) e a cerâmica de tipo Kuass (39,46%) são, sem qualquer dúvida, os tipos mais bem representados. Apesar de ser expectável a representatividade das produções campanienses, é interessante constatar o elevado peso que as produções de tipo Kuass ainda assumem no conjunto, especialmente tendo em consideração a sua cronologia relativamente tardia (final do segundo quartel do século II / início do século I a.n.e.). Uma das possíveis expli-

cações para este fenómeno, para além da própria proximidade geográfica que liga o sítio algarvio às principais áreas produtoras desta categoria cerâmica, é a adopção, desde a fase final da Idade do Ferro, em praticamente todo o sul peninsular, de hábitos de consumo alimentar directamente relacionados com produtos piscícolas e seus derivados, que se refletem, no quadro do serviço de mesa, no sucesso que modelos formais como o prato de peixe obtiveram durante este período (Niveau de Villedary y Mariñas 2003). As características morfológicas

deste recipiente, adaptado para alimentos sólidos, mas contendo uma depressão central destinada ao uso de molhos, condimentos, ou simplesmente para drenagem, é um reflexo da existência de práticas específicas que se encontravam profundamente enraizadas nesta região desde há pelo menos duas centúrias. A continuidade destes hábitos durante o período republicano não é, portanto, uma situação extraordinária, até porque a importação de preparados piscícolas da região gaditana se encontra bem documentada em Monte Molião entre o final do terceiro quartel do século II e o início do século I a.n.e. (ânforas de tipo Maña C2b, 8.2.1.1., 9.1.1.1, 12.1.1.1/2 – Arruda e Sousa 2013). A preferência das comunidades meridionais pelo prato de peixe terá justificado a contínua demanda pelas produções de tipo Kuass, uma vez que estas eram praticamente as únicas que ainda produziam esta morfologia, que, por sua vez, tinha desaparecido do repertório da cerâmica campaniense durante os momentos iniciais do século II a.n.e. (Sousa 2010). O mesmo fenómeno justifica também a presença desta forma em cerâmica de uso comum, quer de importação gaditana, quer de produção local (Sousa e Arruda 2014a e 2014b).

Mesmo entre os vasos destinados ao consumo de líquidos, o uso das cerâmicas de tipo Kuass continua a ser bastante expressivo. Esta observação parte, porém, do pressuposto que as pequenas taças da forma IX-A de Niveau tivessem sido utilizadas para ingerir líquidos, ainda que se admita também o seu uso para conter molhos e condimentos (Niveau de Villedary y Mariñas 2003). Contudo, o facto de estas pequenas taças serem francamente abundantes no repertório formal desta categoria e de as formas especificamente destinadas ao consumo de líquidos serem bastante mais escassas, quer durante a Idade do Ferro, quer durante a fase republicana, não só em Monte Molião (Sousa e Arruda 2013) mas também na restante área algarvia (Sousa 2009), é um forte indício da multifuncionalidade destes recipientes e da sua inclusão no grupo de vasos para beber.

Apesar do papel significativo que as produções peninsulares de tipo Kuass ainda representam no serviço de mesa de época romano-republicana, são as produções itálicas que dominam o conjunto. No quadro da cerâmica campaniense, observa-se um grande equilíbrio entre as formas destinadas ao consumo de alimentos sólidos e líquidos, sendo, neste último grupo, também significativo o papel desempenhado pelos vasos de paredes finas e cerâmicas megáricas. A importação de novas morfologias específicas para o consumo

de líquidos deverá, por sua vez, relacionar-se com o incremento da comercialização de produtos vinários, particularmente os itálicos, cuja incorporação nos hábitos alimentares da comunidade de Monte Molião está bem documentada pelas abundantes quantidades de ânforas de tipo Greco-Itálico e, sobretudo, de tipo Dressel 1 A (Arruda e Sousa 2013).

Para terminar, gostaríamos apenas de expor algumas reflexões relacionadas com a cronologia deste conjunto. Em termos gerais, as balizas temporais de produção das diferentes categorias cerâmicas e a sua associação contextual são, com efeito, indicadores que suportam a proposta que apresentamos, que circunscreve esta fase de ocupação de Monte Molião a um momento centrado entre o final do terceiro quartel do século II a.n.e. e o primeiro da centúria seguinte. Com efeito, grande parte destas associações artefactuais estão também bem documentadas em contextos coevos de outras áreas do Ocidente, como é o caso da área urbana de Sevilha, em Cuesta del Rosario/Calle Galindos e Abades 41-43 (García Vargas e García Fernandez 2009: 124, 134), ou em *Lixus*, concretamente da fase Mauritano Antigo (130-80 a.n.e. - Bonet Rosado *et al.* 1995).

Esta proposta cronológica coincide, por sua vez, também com os indicadores fornecidos pelo estudo dos materiais anfóricos já efectuado (Arruda e Sousa 2013), no qual se destaca a abundância de formas itálicas de transição entre os tipos Greco-Itálicos e Dressel 1A, e a completa ausência de contentores de morfologias plenamente romanizadas fabricados na área do Guadalquivir, cujo aparecimento parece remontar a uma fase antiga do século I a.n.e., ainda que o seu auge ocorra apenas em meados dessa centúria (García Vargas - Almeida - González Cesteros, 2011).

Com efeito, o único elemento que não se enquadra na baliza cronológica proposta é a diversidade formal verificada no conjunto da cerâmica de paredes finas, sobretudo devido à presença das formas VIII e IX de Mayet, para as quais sempre se assumiu uma datação mais tardia, ainda que a ausência de dados estratigráficos para as fases iniciais da sua produção tenha sido sempre uma limitação reconhecida. Contudo, é importante referir, em particular para o caso da forma Mayet IX, que a sua morfologia adopta certas características de protótipos metálicos que se generalizam a partir do último quartel do século II a.n.e. (Boube-Piccot 1991; Fabião 1999; Py 2016), pelo que admitir uma cronologia um pouco mais recuada não parece ser despropositado. Com efeito, pensamos que os dados obtidos em

Monte Molião aduzem também novos elementos para a definição cronológica destas morfologias específicas, cuja produção pode ter sido iniciada ainda durante os momentos finais do século II a.n.e. ou, o mais tardar, em inícios da centúria seguinte, sendo, naturalmente, necessário aguardar que novos contextos representativos desta fase de ocupação no sul do território peninsular confirmem esta possibilidade.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Álvarez, N., Ballester, C., Espí, I., Máñez, J., Marín, C., Pascual, G., Ribera, A. e Rosselló, M. 2003: "Las cerámicas de tres nuevos depósitos votivos de fundación de las excavaciones de L'Almoina (Valencia)", in *Actes du Congrès de Saint-Romain-en-Gal*, SFECAG, 369-395.
- Alves, C. 2010: *A cerâmica campaniense de Mesas do Castelinho*. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- Arruda, A. e Pereira, C. 2010: "Fusão e produção: actividades metalúrgicas em Monte Molião (Lagos), durante a época romano-republicana", *Xelb*, 10, 695-716.
- Arruda, A. M. e Sousa, E. 2013: "Ânforas Republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal)", *Spal*, 22, 101-141.
- Arruda, A. M., Sousa, E., Pereira, C. e Lourenço, P. 2011: "Monte Molião: um sítio púnico-gaditano no Algarve (Portugal)", *Cornimbriga*, 50, 5-32.
- Boube-Piccot, C. 1991: "Les cruches", in Feugère, M. e Rolley, Cl. (eds.), *La vaisselle tardo-républicaine en bronze. Actes de la table-ronde CNRS organisée à Lattes du 26 au 28 avril 1990*, Dijon, 23-45.
- Bonet Rosado, H., Fumadó Ortega, I., Aranegui Gascó, C., Vives-Ferrándiz Sánchez, J., Hassini, H. e Kbir-Alaoui, M. 1995: "La ocupación mauritana", in Aranegui Gascó, C. (ed.), *Lixus-2 Ladera Sur. Excavaciones arqueológicas marroco-españolas en la colonia fenicia. Campañas 2000-2003*, Valencia (Saguntum Extra 6).
- Cabrera Bonet, P. 1979: "La cerámica helenística de relieves de Cartagena", *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, 5-6, 81-104.
- Dias, V. 2010: *A cerâmica campaniense de Monte Molião*. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- Fabião, C. 1999: "A propósito do depósito de Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo: a baixela romana tardo-republicana em bronze no Extremo Ocidente Peninsular", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2:1, 163-198.
- García Vargas, E. e García Fernandez, F. J. 2009: "Romanización y consumo: cambios y continuidades en los contextos cerámicos de *Hispalis* en épocas turdetana y romano-republicana", *Spal*, 18, 121-155.
- García Vargas, E., Almeida, R. e González Cesteros, H. 2011: "Los tipos anfóricos del Guadalquivir en el marco de los envases hispanos del siglo I a.C. Un universo heterogéneo entre la imitación y la estandarización", *Spal*, 20, 185-283.
- Lara Vives, G. 2004-2005: "Cerámicas helenísticas de relieves en La Alcudia (Elche, Alicante)", *Lucentum*, XXIII-XXIV, 105-126.
- Laumonier, A. 1962: "Bols hellénistiques à reliefs en Espagne", *Revue des Études Anciennes*, 64, 43-47.
- Luís, L. 2000: *As cerâmicas campaniense de Mértola*, Lisboa.
- Mayet, F. 1975: *La céramique à parois fines dans la péninsule Ibérique*, Paris.
- Montesinos Martínez, J. 1983: "Constatación de cerámica helenística de relieves en Valencia", *Arse*, 18, 367-371.
- Morel, J. P. 1981: *Céramique Campanienne: les formes*. Paris.
- Moreno Megias, V. 2016: *La influencia púnica en las mesas turdetanas: cerámica de tipo Kuass en el Bajo Valle del Guadalquivir*, Sevilha.
- Mota, N., Pimenta, J. e Silva, R. 2015: "Acerca da ocupação romana republicana de *Olisipo*: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento", *Cira Arqueologia*, 3, 149-177.
- Niveau De Villedary y Mariñas, A. M. 2003: *Las Cerámicas Gaditanas "Tipo Kuass". Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica*. Cádiz.
- Pedroni, L. (dir.) 2001: *Ceramica Calena a vernice nera. Produzioni e diffusione*. Città di Castello.
- Pereira, C. e Arruda, A. M. 2016: "As lucernas romanas do Monte Molião (Lagos, Portugal)", *Spal*, 25, 149-181.
- Pimenta, J. 2005: *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge*, Lisboa.
- Pimenta, J., Gaspar, A., Gomes, A., Mota, N. e Miranda, P. 2015: "O estabelecimento romano republicano de *Olisipo*: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, lote 40 – Lisboa", *Cira Arqueologia*, 3, 122-148.
- Py, M. 2016: *Dictionnaire des objets protohistoriques de Gaule méditerranéenne (IXe - Ier siècles avant notre ère)*, Lattes (Lattara 23).
- Ramos Suárez, M. J. e García Vargas, E. 2014: "Las imitaciones de vajilla de barniz negro en el vale del Guadalquivir", in García Fernandez, F. J. e García Vargas, E. (eds), *Comer a la moda. Imitaciones de vajilla de mesa en Turdetania y la Bética Occidental durante la Antigüedad (s. VI a.C. – VI d.C.)*, Barcelona, 239-270.
- Ribera i Lacomba, A. 2010: "Depositos rituales de *Valentia* (Hispania). De la primera fundación republicana (138 a.C.) a la segunda augustea", in Giuseppe, H. e Serlorenzi, M. (eds.), *I riti del costruire nelle acque violate*, Roma, 269-294.
- Ricci, A. 1985: "Ceramica a pareti sottili", in *Atlante delle forme ceramiche II. Ceramica fina romana nel bacino Mediterra-*

- neo (*tardo Ellenismo e primo Impero*), *Enciclopedia dell'Arte Antica, Classica e Orientale*, Roma, 231-357.
- Sánchez López, E. e Orfila Pons, M. 2015: "Boles helenísticos con relieves a molde en el santuário de Calescoves (Menorca)", *Spal*, 24, 237-249.
- Sousa, E. 2009: *A cerâmica de tipo Kuass no Algarve*, Lisboa.
- Sousa, E. 2010: "The use of "Kouass ware" during the republican period in Algarve (Portugal)", in *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta* 41, 523-528.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. 2010: "A gaditanização do Algarve", *Mainake*, 32 (II), 951-974.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. 2013: "A cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião (Lagos)", in *Arqueologia em Portugal. 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, 651-659.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. 2014a: "Italics and Hispanics in Southwest Iberia in the Dawn of the Roman-Republican period: the common ware of Monte Molião (Lagos, Portugal)", in *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta* 43, 663-670.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. 2014b: "A cerâmica comum romano-republicana de Monte Molião (Lagos)", *Onuba*, 2, 55-90.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. 2018: "A cerâmica de paredes finas de Monte Molião (Lagos, Portugal)", *CuPAUAM*, 44, 201-226.
- Ventura Martínez, J. J. 2000: "La cerâmica de barniz negro de los siglos II-I a.C. en Andalucía Occidental", in Aquilué Abadía, X., García Roselló, J. e Guitart Durán, J. (coords.), *La cerâmica de vernis negre dels segles II i I a.C. Centre productors mediterranis e comercializació á la Península Ibérica. Taula Redona (Empúries 1998)*, Mataró, 177-215.
- Viegas, C. 2011: *A ocupação romana do Algarve – estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa.